

# UNIFICAÇÃO OU INTEGRAÇÃO

*“Seria tolice alguns constituírem um bando separado, por não pensarem todos do mesmo modo. Pior ainda do que isso seria os diferentes grupos ou associações da mesma cidade se tornarem ciumentos uns dos outros.”*

**Allan Kardec**

O LIVRO DOS MÉDIUNS - Cap. XXIX, Item 349

No nosso cotidiano, tem-se falado muito em “unificação espírita” – uma alusão direta à ideia de que as Casas Espíritas devam seguir juntas o mesmo formato padrão de organização institucional e operacional. Esta campanha, largamente defendida e pouco executada na prática, é uma contrarresposta ao modo independente e muito diversificado de como cada Centro processa suas atividades: a proposta comum prevê um estabelecimento de normas gerais para, assim, “guiar” os grupos espíritas dentro de uma demarcada “linha doutrinária”, a fim de que possam ser considerados como, digamos, “espíritas kardecistas”.

No entanto, é preciso rever alguns pontos básicos sobre a ideia, e fazemos isto aqui já com uma indagação que julgamos pertinente: unificação ou integração?

De fato, ao visitarmos meia-dúzia de endereços espíritas, iremos encontrar meia-dúzia de comportamentos distintos. Mesmo havendo Casas irmãs (de uma mesma fundação), espécie de filiais, ainda assim encontraremos procedimentos particulares. Isto ocorre desde por questões comuns – como o fator sociocultural do lugar – a questões de diretrizes administrativas, cujas características giram em torno do nível de entendimento dos dirigentes da Casa.

A rigor, qualquer elemento pode pregar na sua fachada uma placa “Casa Espírita” e fundar ali a sua própria instituição, sem que ninguém possa lhe indagar quanto aos seus métodos serem ou não compatíveis com a Codificação do Espiritismo. A constituição federal garante o livre exercício da crença e as regras subsequentes de regulamentação interna são vagas e dúbias, permitindo uma miscelânea de templos religiosos.

O Espiritismo, não é uma religião constituída e nunca poderá ser!

Portanto, **unificação** é – senão como teoria, pelo menos como definição – uma ideia equivocada, pois implicaria na formatação de uma religião com dogmas, código canônico e hierarquia. Fosse assim, para ser espírita e fundar uma Casa Espírita seria necessário se submeter a um regimento e às autoridades estabelecidas. Não é assim e não deve ser jamais!

Unificação, na acepção consagrada, obriga que todos obedeçam a um padrão regimentar. Muitas complicações decorreriam desta feita, por exemplo, quem teria gabarito para ditar as regras? Quem fiscalizaria e julgaria os procedimentos? E o que seria pior: havendo os “hereges”, quem os puniria – talvez até com o anátema, de que outrora a Igreja fez uso?

Haverá quem interpele: mas a livre disposição de cada Centro não implica em haver diferentes ordens de trabalho, a ponto de vermos absurdos sendo confundidos com as verdadeiras práticas espíritas?

Resposta: sim! Cada qual julga o que não é e o que é kardecismo – ou simplesmente Espiritismo. Mas daí a impor a minha verdade a alguém é outra coisa. Por exemplo: se para mim, o passe espírita deve ser puro e simplesmente uma atividade mental (sem necessidade de impor as mãos, nem de seguir um gestual de o passista levar sua mão para aqui e acolá), não posso, por minha vez, dizer que tal Centro não é

espírita pelo fato de lá a distribuição do passe seguir um ritual formal. Se em tal instituição há determinada prática que não condiz com a Doutrina Espírita, o tempo tratará de corrigir, com a intervenção dos mentores espirituais e a generalidade das atividades. Devemos ter em mente que também as Casas Espíritas percorrem o caminho evolutivo.

Já temos um rumo norte a nos guiar: as Obras Básicas. As instruções necessárias quanto à regulamentação das Casas Espíritas e o *modus operandi* de seus trabalhos estão muito bem descritos nos capítulos XXIX e XXX de O LIVRO DOS MÉDIUNS, em que Kardec aborda com muita propriedade, sobre como formar, organizar e administrar as sociedades sob a bandeira do Espiritismo. Eis o codificador a nos instruir: "Definitivamente, como não há sociedade que possa reunir no seu meio todos os adeptos, as que se achem animadas pelo desejo sincero de propagar a verdade – que se proponham a um fim unicamente moral – devem colaborar com prazer para a multiplicação dos grupos e se houver alguma concorrência entre eles, não deverá acontecer outra coisa senão a de cada um fazer maior soma de bem".

Nossa opinião é de que o que deve ocorrer é a unificação dos sentimentos – sempre em torno da **caridade**, compreensão e desejo de progredir – e não a unificação institucional. Ou seja, união de mentes, não de estatutos e paredes.

O que não pode haver é separação. Ao contrário, entre as Casas Espíritas deve haver sim **integração**: solidariedade nas campanhas comuns; troca de experiências entre seus dirigentes e trabalhadores; palestrantes de uma Casa fazendo exposições nas demais, médiuns de uma sociedade levando psicografias para outros Centros, grupos musicais se apresentando em outras praças espíritas, etc.

É salutar que haja as entidades aglutinadoras – como as federações regionais, associações de educadores, grêmios de expositores, etc. – enquanto invistam nessa interação, porém, sem qualquer imposição ou exclusão. Preservada a independência de cada Casa, as federações cuidam de coordenar a integração entre as fraternidades e a promoção de grandes eventos.

Aqui está Kardec a nos incitar: "Convidamos, pois, todas as Sociedades Espíritas a colaborar nessa grande obra. Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam as mãos fraternalmente e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas".

[www.luzespírita.org.br](http://www.luzespírita.org.br)